

QUADRINHOS, INTERTEXTUALIDADE E ORIENTAÇÃO ARGUMENTATIVA: DISCUTINDO O PROCESSO DE RECATEGORIZAÇÃO EM UM GÊNERO MULTIMODAL¹

Geralda de Oliveira Santos Lima*
Thiago Gonçalves Cardoso

Resumo: Os estudos mais recentes da Linguística Textual têm revelado que a interação com o texto constitui um jogo muito complexo, no qual os sujeitos da linguagem realizam (re)construções de seus dizeres, valendo-se, assim, de processos intertextuais e de diferentes modalidades da linguagem como instrumento revelador de suas impressões, crenças, valores e pontos de vista sobre o mundo. Por meio da linguagem, buscam influenciar/persuadir os demais, levando em conta a orientação do pensamento, guiando suas ações e estabelecendo acordos (FERREIRA, 2010). Dessa forma, podemos observar que constantemente elaboramos, adaptamos, transformamos nossos objetos de discurso para que cumpram de forma satisfatória nossos objetivos, ou seja, estamos constantemente recategorizando referentes. Partindo desses pressupostos, nosso objetivo, aqui, embasado no projeto de pesquisa “Argumentação e intertextualidade: processos de recategorização explícita e implícita de referentes textuais” (PIBIC/UFS/CNPq/2013 – 2014) é verificar, em tirinhas (texto multimodal), se é possível, por meio do processo da recategorização de referentes, direcionar a orientação argumentativa, de forma persuasiva, evidenciando, sobretudo, o fenômeno da intertextualidade. Para isso, fundamentamo-nos na concepção sociocognitiva e interacional da linguagem (KOCH, 2009), tomando por fulcro os estudos de Cavalcante (2012), Custódio-Filho (2012), Cavalcante e Custódio-Filho (2010), Lima (2008), Ramos (2012), Vergueiro e Ramos (2009), Capistrano-Júnior (2011).

Palavras-chave: Recategorização. Quadrinhos. Intertextualidade. Orientação argumentativa.

Abstract: The most recent studies in Text Linguistics have shown that the interaction with the text is a very complex game, in which the subjects of discourse perform (re) constructions of their sayings, drawing on intertextual processes and different types of language as a revealing phenomenon of his impressions, beliefs, values and views on the world. These guys in their social practices, seek to influence and / or persuade others, taking into account the guidance of thinking, guiding their actions and establishing agreements (FERREIRA, 2010). In this research, we intend to demonstrate continual elaborate, adapt and transform our objects of discourse speeches to comply satisfactorily our goals. This means that we are constantly referring Recategorizing. Based on these assumptions, our goal here, based on the research project "Argumentation and intertextuality: explicit and implicit re-categorization process of

¹ Este trabalho tem como base o projeto de pesquisa “Argumentação e intertextualidade: processos de recategorização explícita e implícita de referentes textuais”, desenvolvido com alunos do 9º ano do Colégio Estadual Governador Valadares”, em Aracaju/SE.

* Professor associado do Departamento de Letras Vernáculas da Universidade Federal de Sergipe (UFS), São Cristóvão, Sergipe, Brasil, geraldalima.ufs@gmail.com.

- Graduando do curso de Letras-Português da Universidade Federal de Sergipe; aluno/pesquisador do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica – PIBIC/ CNPq (2013 – 2014), São Cristóvão, Sergipe, Brasil, thiagocardoso05@gmail.com.

textual referents" (PIBIC / UFS / CNPq / 2013-2014), is to check in strips (multimodal text) if it is possible, from recategorizações of references, reflect on the argumentative orientation, persuasively, highlighting the phenomenon of intertextuality. To this end, We base ourselves on socio-cognitive and interactional conception of language (KOCH, 2009), taking as fulcrum studies of Cavalcante (2012), Custodio Filho (2012), Cavalcante and Custodio Filho (2010), Lima (2008) Ramos (2012), Vergueiro and Ramos (2009), Capistrano-Junior (2011).

Keywords: Recategorisation. Comics. Intertextuality. Argumentative orientation.

INTRODUÇÃO

Nas últimas décadas, os estudos acadêmicos sobre os quadrinhos (CAGNIN, 2014) têm crescido de forma expoente no Brasil e no mundo, visto que estes deixaram de representar qualquer tipo de ameaça a seriedade acadêmica (VERGUEIRO; RAMOS, 2009). Na Linguística de Texto (LT), isso não tem sido diferente, pois, por ser um hipergênero (MAINGUENEAU, 2006; FERREIRA, 2010), cada vez mais emergente (os quadrinhos), cabe a esta responder as indagações sobre como se (re)elaboram os sentidos nesses textos. Para isso, uma das teorias que mais vem ganhando destaque nos estudos desenvolvidos no interior da LT é a da referenciação (MONDADA; DUBOIS, 2003; LIMA, 2008; CUSTÓDIO-FILHO, 2009), fenômeno este, extremamente, relevante para a tessitura do texto. Além dessa teoria, outros fenômenos também vêm se destacando, entre os quais, o da intertextualidade e o da argumentação, processos intrínsecos a toda e qualquer prática textual.

Partindo do princípio que todo texto é argumentativo por natureza (FERREIRA, 2010), e que constantemente recorremos a outros textos para tessitura dos nossos, a finalidade deste trabalho é verificar, em tirinhas (texto multimodal), se é possível, por meio do processo da recategorização de referentes, discutir sobre a orientação argumentativa, de forma persuasiva, evidenciando, sobretudo, o fenômeno da intertextualidade.

Buscamos, com este estudo, contribuir de alguma maneira para as teorias do texto e dos quadrinhos. Para tanto, apresentamos, sob uma abordagem sociocognitivo-discursiva e interacional, a visão de diversos pesquisadores que têm mostrado de maneira bastante produtiva que esses fenômenos podem ser bem mais debatidos nas propostas analítico-descritivas sobre a concepção de texto, na atualidade, como objeto científico. Entre os quais, destacamos: Cavalcante et al (2010); Cavalcante (2011, 2012); Custódio-Filho (2009, 2012); Cavalcante e Custódio-Filho (2010); Ramos (2007, 2011, 2012); Vergueiro e Ramos (2009); Capistrano-Júnior (2011, 2012); Cagnin (2014); Ferreira (2010). Assim, ao longo deste texto,

adotamos em nossas discussões e análises alguns fundamentos teórico-analíticos desses pesquisadores, entre outros, no campo dos estudos do texto de natureza multissemiótica.

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES ACERCA DA INTERTEXTUALIDADE NOS ESTUDOS DA LINGUÍSTICA DE TEXTO

Neste artigo, compreendemos a noção de intertextualidade a partir da concepção de texto, no que se refere aos estudos desenvolvidos no seio da Linguística Textual (CAVALCANTE et al, 2010; CAVALCANTE; CUSTÓDIO FILHO, 2010) que o compreende como um evento comunicativo, o próprio lugar da interação, onde os sujeitos constroem, se constroem e são construídos, por intermédio de elementos linguísticos e não linguísticos, hipertextuais, multimodais, fatores cognitivos, históricos, sociais, entre outros que o elaboram como um fenômeno altamente complexo.

Segundo Koch (2009, p. 42), “a intertextualidade compreende as diversas maneiras pelas quais a produção/recepção de um dado texto depende do conhecimento de outros textos por parte dos interlocutores, ou seja, dos diversos tipos de relação que um texto mantém com outros textos”. Sendo assim, nenhum texto começa do nada, uma vez que os interlocutores (escritores e leitores) norteiam-se a partir de conhecimentos obtidos anteriormente em leituras, produções, compreensões/interpretações de textos (GOLDSTEIN; LOUZADA; IVAMOTO, 2009). Nesse sentido, no âmbito dos estudos da memória, acumulamos conhecimentos textuais dos mais variados tipos, e isso reflete diretamente em nossas atividades de linguagem. Um primeiro exemplo desse caso, de estruturas intertextuais, pode ser extraído da tirinha seguinte que cria um efeito de humor:



Figura 1: nomear

(Fonte: <http://devaneiosdeumagarotaemcrise.blogspot.com.br/2010/06/sessao-chuck-norris.html>, Acesso em: 15/09/2013)

Nesse exemplo (em 1), de acordo com as considerações teóricas expostas acima, a fim de que possamos ter uma compreensão satisfatória da tirinha, precisamos recorrer a dois elementos intertextuais, ao “*Hulk*,” que é um dos heróis mais fortes do mundo e a “*Chuck Norris*”, ator de filmes com muita luta e ação, que sempre consegue vencer e fazer coisas fantásticas, saindo ileso, um deus entre os mortais. Somente ao recuperar esse intertexto é possível compreender a derrota do “*Hulk*”, ante esse mito do cinema, pois “*Chuck Norris*” é construído como invencível, o imbatível, o indestrutível. Assim, de maneira ampla, é possível entender que todo texto sempre remete a outros textos, o diálogo textual é permanente, ou nas palavras de Bakhtin (1992, p. 291) ao postular que “cada enunciado é um elo da cadeia muito complexa de outros enunciados”.

A posição bakhtiniana, num sentido mais amplo, leva-nos a perceber que a intertextualidade pode ser concebida como um elemento intrínseco a todos os textos. Por outro lado, em sentido restrito, o que se observa é que esse fenômeno remete a um conjunto de processos textual-discursivos o qual nos leva a diálogos com outros textos. Nesses termos, entendemos que o exemplo acima exposto deixa bem clara a necessidade de o sujeito compreender essas relações a partir de conhecimentos de mundo, de muita leitura, pois, as pistas são deixadas para remeter os leitores aos textos com os quais estabelecem diálogo. A partir disso, o leitor possui melhores chances de compreender satisfatoriamente o que lê (GOLDSTEIN; LOUZADA; IVAMOTO, 2009).

Tomando por base o que foi discutido anteriormente, e em conformidade com Koch e Elias (2011), a intertextualidade nos textos pode ser constituída de forma explícita ou implícita. Na primeira, há citação da fonte do intertexto. É muito comum encontrá-la em citações, referências, resumos, resenhas, entre outros. Já na do segundo tipo, a implícita, há a introdução de outro(s) texto(s) sem referência explícita, “com o objetivo quer de seguir a orientação argumentativa, quer de contraditá-lo, colocá-lo em questão, de ridicularizá-lo ou argumentar em sentido contrário” (KOCH; BENTES; CAVALCANTE, 2008, p. 30). Nesse tipo de intertextualidade, o autor espera que seu leitor consiga encontrar em sua memória o texto fonte necessário para que se concretize a efetiva significação do texto. Aqui, exige-se uma habilidade e uma bagagem cognitiva maior do interlocutor que precisa encontrar as pistas deixadas pelo autor para encontrar o intertexto proposto e relacioná-lo a razão das relações implícitas. Caso isso não ocorra, grande parte ou toda a compreensão fica prejudicada (KOCH; ELIAS, 2011).

Em conformidade com o que observamos no trabalho dessas autoras, a inserção de enunciados anteriores em novos textos irá constituir novas significações. Sendo assim, afirmamos que, em ambas as formas intertextuais, a leitura pode ser prejudicada caso o leitor não consiga recuperar os conhecimentos prévios do texto precedentes para uma compreensão textual-discursiva mais satisfatória. Esses conhecimentos estão estruturados em nossa memória e são construídos ao longo de nossas experiências de mundo, dentro de contextos sociocognitivos e interacionais (FRANÇA; MATOS; CARDOSO, 2012). No momento da leitura, os sujeitos mobilizam uma gama de conhecimentos das mais diversas ordens, uma vez que o texto exige deles a mobilização de habilidades que ultrapassem as relações de mesma linguagem, para que possam interpretar a transitividade de modelos numa intercodicidade (NASCIMENTO, 2006). Na próxima seção, discutiremos sobre a noção de argumentação adotada neste trabalho.

ARGUMENTAÇÃO E PERSUASÃO: UM BREVE OLHAR SOBRE A LINGUAGEM

Partindo do pressuposto que enxerga a linguagem como uma atividade constitutiva em que os interactantes (sujeitos da ação), em um jogo interativo complexo, constroem e são construídos por meio de suas relações linguísticas e não linguísticas, relações sociais, crenças, opiniões, podemos afirmar em consonância com Koch (2002) que a função mais importante da linguagem não é a comunicativa, mas a argumentativa, pois, “comunicar não é agir na explicitude linguística e sim montar o discurso envolvendo as intenções em modos de dizer cuja ação discursiva se realiza nos diversos atos argumentativos [...]” (KOCH, 2002, p. 10). A partir desta concepção, a linguagem é percebida como “forma de ação sobre o mundo dotada de intencionalidade, veiculadora de ideologia, caracterizando-se, portanto, pela argumentatividade” (KOCH, 2002, p. 15).

Em conformidade com Frasson (1992), a argumentação fundamenta-se na apresentação de opiniões, argumentos, crenças, raciocínios, por intermédio dos quais busca determinados resultados. Ferreira (2010) encaminha seus estudos na mesma direção ao afirmar que

argumentar é o meio civilizado, educado e potente de constituir um discurso que se insurja contra a força, a violência, o autoritarismo e se prove eficaz (persuasivo e convincente) numa situação de antagonismos declarados. Argumentar implica demonstrar ideias para clarear no espírito do outro nossa posição diante de um assunto polêmico (FERREIRA, 2010, p. 14).

Com base nessas definições, observa-se que o ato de argumentar se efetiva em todo e qualquer discurso, pois se configura como uma atividade que busca por finalidade a persuasão. Persuasão esta que nas palavras de Ferreira (2010) é “mover pelo coração, pela exploração do lado emocional, coordenar o discurso por meio de apelos as paixões do outro” (FERREIRA, 2010, p. 15); é conduzir o outro a aceitar uma opinião, crenças, raciocínios; é não prevalecer, impondo-se por meio da palavra, todavia de forma sutil.

Sendo assim, “o elemento persuasivo está colado ao discurso, assim como a pele ao corpo” (CITELLI, 2004, p. 6), pois mesmo os discursos mais inocentes, que se pretendem ingênuos, possuem uma ideologia e buscam adesão de seus interlocutores mesmo que de forma inconsciente. Para ratificar o que foi dito até aqui, encerramos este tópico com a seguinte citação:

somos seres retóricos e usamos a linguagem não só para estabelecer comunicação, mas, sobretudo, para pedir, ordenar, sugerir, criticar, argumentar, fixar uma imagem positiva ou negativa, afirmar ou negar uma ideia, enfim, para estabelecer acordos com nosso auditório, para negociar a distância entre os interlocutores a respeito de uma questão, de uma causa (...) valemo-nos da propriedade argumentativa da linguagem, que se opõe a uma forma de vê-la como meramente descritiva ou representacionista (FERREIRA, 2010, p. 50).

RECATEGORIZAÇÃO COMO FENÔMENO PERSUASIVO

Tendo em vista o que foi exposto, é sabido que a interação com o texto constitui-se um jogo muito complexo, no qual os sujeitos da linguagem realizam (re)construções de seus dizeres, valendo-se das diferentes modalidades da linguagem como instrumento revelador de suas impressões, crenças, valores e pontos de vista sobre o mundo. Por meio da linguagem, buscam influenciar/persuadir os demais, levando em conta a orientação do pensamento, guiando suas ações, estabelecendo acordos (FERREIRA, 2010).

Sendo assim, observamos que constantemente elaboramos, adaptamos mudamos, transformamos nossos objetos para que cumpram de forma satisfatória nossos objetivos, ou seja, estamos constantemente recategorizando os referentes. A esse respeito Cavalcante (2012) diz que

A recategorização referencial [...] é um fenômeno muito estudado em referenciação; diz respeito à possibilidade de um referente passar por mudanças ao longo de um texto. Essas mudanças estão relacionadas ao

direcionamento argumentativo que o produtor pretende dar a seu texto, mas também a outras intenções expressivas, emotivas, poéticas etc.: as funções discursivas da transformação ou recategorização de um referente são muito diversificadas, e seria impossível fechá-las numa única classificação (CAVALCANTE, 2012, p. 106).

Esse fenômeno referencial costuma ser considerado como apenas uma das possibilidades de retomada anafórica direta. Pondera-se que somente um referente categorizado poderia ser recategorizado, ou seja, a expressão referencial precisa estar introduzida no texto (Cavalcante, 2011). Esse posicionamento reducionista vai ao encontro da perspectiva que a prioriza como um fenômeno que somente se efetiva na relação de retomadas de referentes já postos no constructo textual. Todavia, em consonância com Cavalcante (2011), assumimos a recategorização como um

fenômeno cognitivo-discursivo que corresponde à evolução natural que todo referente sofre ao longo do desenvolvimento do texto; ele se dá abstratamente, na mente dos interlocutores, podendo ou não realizar-se no contexto por meio de termos anafóricos. Para essa evolução, concorrem não somente as expressões referenciais que manifestam explicitamente as transformações do objeto de discurso, mas também um conjunto de pistas contextuais que, acionando informações sócio-históricamente compartilhadas, ajudam os participantes da enunciação a (re)construírem a referência (CAVALCANTE, 2011, p. 90).

Custódio-Filho (2012) aponta na mesma direção defendendo que os estudos mais recentes sobre esse fenômeno tendem a compreendê-lo como processo mais amplo, resultante da relação de diversos fatores para a construção da referência, ou seja, a recategorização emerge do imbricamento de diferentes porções do cotexto (verbal ou não verbal), assim como das relações ativadas no aparato cognitivo para a apreensão dos sentidos, e não apenas de retomadas anafóricas entre as expressões referenciais.

Com vista no apresentado, consideramos a recategorização como um fenômeno que ultrapassa relações correferenciais dos referentes, pois “mesmo quando um referente é manifesto no texto por uma expressão nominal, não é obrigatório que as transformações sofridas se restrinjam ao universo das relações internominais de que porventura ele venha a participar” (CUSTÓDIO-FILHO, 2012, p. 848). É a partir dessa visão mais atual da recategorização que realizaremos nossas análises *a posteriori*.

REFERENCIAÇÃO E INTERTEXTUALIDADE: FENÔMENOS A SERVIÇO DA PERSUASÃO

A intertextualidade, como já foi dito anteriormente, constitui-se na relação existente entre os textos, construindo-se, muitas vezes, como um recurso argumentativo, em função do outro servir como argumento para nossa ideia defendida, pois nos posicionamos em relação a um já dito (FRASSON, 1992). Porém não trazemos qualquer texto aos nossos, pensamos muito bem em nosso público, buscamos textos que cumpram diferentes funcionalidades, que gerem certos efeitos de sentido de acordo com nossas pretensões textuais, dentre elas a argumentação. Sendo assim,

a intertextualidade não se resume a uma simples presença do outro no texto, pois a escolha do intertexto já representa uma postura ideológica. A seleção de uma citação já a transforma, o recorte no qual é inserida, as supressões que poderão ser operadas no seu interior, o modo como é tomada no comentário podem revelar a confirmação ou a negação do outro texto. Por isso, a intertextualidade não é uma mera adição de textos, mas um trabalho de absorção e transformação de outros textos, com vistas a determinados objetivos (FRASSON, 1992. p. 91-2).

Em consonância com essa citação, encontramos, mais uma vez, a linguagem, sendo construída como um processo dinâmico, no qual os sujeitos se relacionam não só com objetivos de comunicar, mas também de convencer, persuadir, contestar, atrair as paixões do seu interlocutor (FERREIRA, 2010). Para concretizar nosso objetivo, recorremos a recursos textuais que são bastante relevantes na construção dos sentidos, entre os quais, destacamos os processos da referenciação (CALVACANTE, 2012) que (re)categorizam objetos de discurso entre outras ações que possibilitam a continuidade e a progressão do texto, assim como a orientação argumentativa proposta pelo autor. Pois, ao referenciar um objeto de discurso, significa que estamos elaborando textos a partir de uma intencionalidade, revelando novos pontos de vista, perspectivas, afirmando ou negando, acolhendo ou refutando as outras vozes (FRASSON, 1992).

Pelo ângulo mais aberto desta proposta, interligando a intertextualidade, a argumentatividade e a referenciação, entendemos que esses fenômenos são muito relevantes na construção e na reconstrução dos sentidos. É, assim, que justificamos a relação entre essas grandes teorias. Será analisada, na seção seguinte, uma tirinha do Celso Ludgero, a fim de respondermos a nossa proposta.

DISCUSSÃO E ANÁLISE

Para a análise da tirinha seguinte, demos um direcionamento mais preciso para as questões da referenciação, com foco nas funções que os processos de recategorização (implícita e explícita) podem exercer na tessitura de textos argumentativos e no papel da intertextualidade como recurso também argumentativo, uma vez que evidencia as semelhanças e diferenças de pontos de vista que intertextualizam uns e abandonam outros textos. Abaixo seguirá a análise de uma tirinha (RAMOS, 2007, 2011, 2012; CAPISTRANO JÚNIOR, 2011, 2012) de Celso Ludgero:

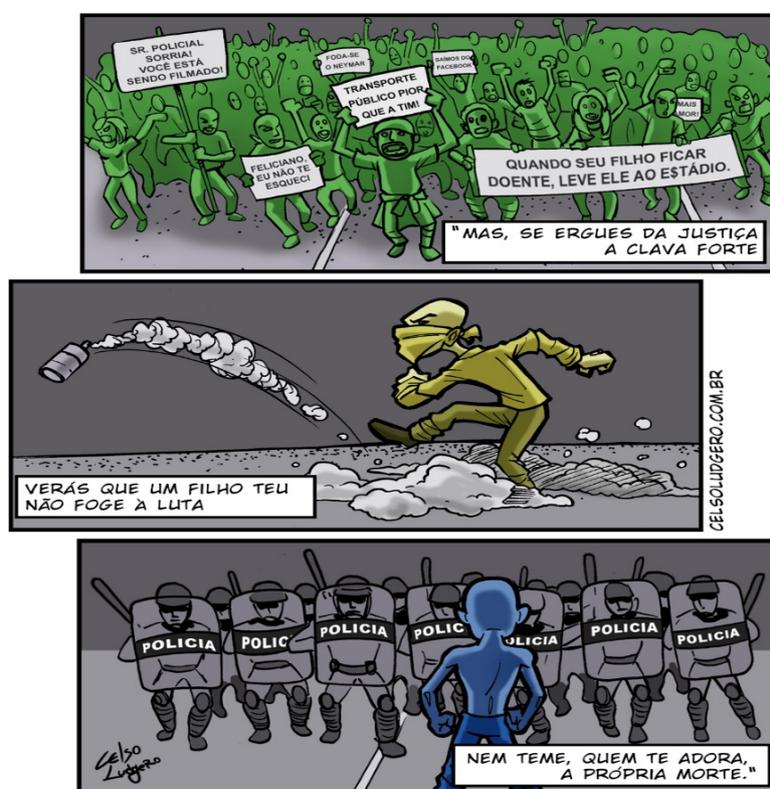


Figura 2: nomear

(Fonte: <http://www.celsoludgero.com.br/protesto-tirinha-1/>, Acesso em: 20/11/2013).

Nessa análise (2), é importante esclarecer que levamos em consideração não apenas a materialidade linguística da superfície textual, mas, sobretudo, a multimodalidade (palavras, imagens, cores, gestos), além de outros conhecimentos que circulam intrinsecamente nesse exemplo. Para a análise dessa tirinha de três quadros, faz-se necessário recuperar na memória alguns intertextos, na medida em que essa tirinha alude a diversos fatos relacionados que vão

contribuir para a construção dos sentidos. O autor faz um recorte do hino nacional, escolhendo os seguintes trechos em citação direta: “*mas se ergues da justiça a clava forte*”; “*verás que um filho teu não foge à luta*”; “*nem teme, quem te adora, a própria morte*”, utilizando um enunciado em cada quadrinho por meio das legendas (RAMOS, 2012). Além desse conhecimento intertextual do hino, também, é importante ter o conhecimento de um fato muito divulgado na mídia em junho de 2013, as manifestações ocorridas no Brasil. Esses dois conhecimentos guiarão os sentidos do texto, e sua relação permitirá as ocorrências de recategorização e de seu direcionamento argumentativo.

No primeiro quadrinho ou vinheta (VERGUEIRO, 2006), encontramos na legenda o enunciado “*mas se ergues da justiça a clava forte*”, cujo sentido possível no hino nacional seria o de lutar contra a injustiça provocada por algo ou alguém que tentasse desestabilizar a “*justiça*” em solo brasileiro. Feita uma primeira leitura desse enunciado, o coenunciador pode não atentar para a significação da expressão referencial “*a clava forte*” erguida contra nossos próprios governantes. Contudo, nesse quadrinho as imagens (referentes não verbais) e os cartazes recategorizam proposições do hino nacional. Nele visualizamos uma multidão gritando e percebemos isso por meio da (re)construção de objetos de discurso nesse quadrinho. Com base em mecanismos interpretativos, observamos alguns homens e mulheres com as expressões faciais de raiva, de revolta. Outros estão gritando com os braços levantados, segurando cartazes. Esses braços levantados dão a ideia do movimento que realizam ao gritar na multidão.

Os cartazes aludem a diversas queixas que a população brasileira tinha naquele momento, a situações que esse povo enfrentava no período das manifestações. No enunciado “*Sr. policial, sorria você está sendo filmado*”, vemos um sujeito que está levantando uma placa com esse enunciado que nos remete a violência dos policiais contra a população e nesse caso, principalmente, com os manifestantes. Já o segundo enuncia: “*Feliciano, eu não te esqueci*”. Cartaz este que nos remete as polêmicas que giraram em torno do Deputado e Pastor Marco Feliciano, um político muito criticado em função das suas leis contra a homoafetividade. Um terceiro traz a seguinte legenda: “*foda-se o Neymar*”. Neste cartaz, encontramos uma das maiores discussões da época – o dinheiro investido na construção e reforma de estádios e nos jogadores para realização dos jogos da copa. Enquanto o foco do Brasil girava em torno do Neymar como astro da copa de 2014 e milhões sendo investidos nas questões apresentadas anteriormente, a saúde, a educação, a segurança estavam um caos.

Prosseguindo nossa discussão acerca dos cartazes do primeiro quadrinho, o quarto cartaz a ser evidenciado é “*transporte público pior que a TIM*”, esse enunciado nos remete à péssima qualidade do transporte público como: tarifas altas, ônibus cheios, falta de horários, insegurança, entre outras características, sendo comparada a operadora TIM. Outra alusão, outro intertexto necessário ao leitor, porque a depender do conhecimento prévio do leitor, essa operadora não será considerada tão ruim. Mas a depender da experiência de quem construiu esse texto ela será considerada muito ruim, lenta, com pouca cobertura. Isso geraria, justamente, a comparação com o transporte público, pois “*pior que a TIM*” da forma como está sendo construído é uma afronta a tal operadora. No quinto temos: “*saímos do facebook*”. Cartaz este que exprime uma resposta a quem perguntava de onde vem esse povo? Quem são esses? Ou seja, uma resposta que mostrava a decisão do povo de sair das suas casas e manifestar nas ruas por um país melhor.

O autor do sexto cartaz se posiciona: “*quando seu filho ficar doente, leve ele ao eStádio*”. Neste, encontramos claramente outra alusão direta a revolta da população com a copa de 2014, tantos estádios sendo construídos, reformas, pagamentos de jogadores e diversos investimentos em função da copa. Enquanto isso, crises e mais crises no país, greves, pessoas desesperadas precisando de um atendimento médico, de uma medicação, de segurança, de educação. Frente a essa reclamação popular, Ronaldinho fenômeno se pronuncia afirmando que: “uma copa se faz com estádios e não com hospitais”. Esta afronta ao povo gerou o enunciado anteriormente evidenciado: “quando o seu filho precisar, leve ele ao eStádio”, porque a prioridade no Brasil não é a saúde e sim os estádios, os jogos. Essa ideia dos altos investimentos nos jogos e estádios também é destacada na substituição do “s” de estádio pelo cifrão (símbolo do dinheiro) “\$”.

O último é o “*mais amor*”. Cartaz este que faz um apelo à população de forma geral, pois convoca o povo a pensar no seu próximo. Todos os enunciados que se encontram nesses cartazes fizeram parte das manifestações de junho de 2013, período de protestos em nosso país. Nesse primeiro quadrinho, as imagens (referentes não verbais), juntamente, com os cartazes verbais produzem uma recategorização do fragmento do hino nacional, pois, aqui, “*a clava forte*” da justiça erguida se manifesta como o próprio povo brasileiro, lutando contra a injustiça, a injustiça de seus governantes.

Dentro desse contexto, no segundo quadrinho da tirinha, discutimos sobre a legenda “*verás que um filho teu não foge à luta*”, cujo sentido no hino nacional poderia ser que o brasileiro não foge da luta, não foge da guerra. Em outras palavras, se o país precisar entrar

em uma guerra pela justiça, o povo brasileiro entra sem recuar. Nesse enunciado, deparamo-nos com a imagem de um ser humano com um lenço no rosto, muito característico dos sujeitos participantes das manifestações de junho. Ele é apresentado chutando uma bomba de efeito moral lançada por algum policial que não está presente na tirinha. Essa informação é recuperada por meio de processos inferenciais, pois temos conhecimentos sobre essas manifestações e sabemos, também, que este ato era/é realizado pelos policiais para afastar tais manifestantes, dispersar a multidão. Nessa cena, o “*verás que um filho teu não foge à luta*” é recategorizado por meio dos referentes não verbais, nesse contexto o manifestante, o povo brasileiro está lutando bravamente contra o seu governo, mostrando que tem voz, que tem força e que não foge à luta, mesmo sendo agredido por quem deveria protegê-lo. Apesar de não estar armado, encontra mecanismos para se proteger, como o lenço no rosto e ao invés de fugir das bombas de efeito moral, ele as devolve.

No terceiro e último quadrinho, encontramos a última legenda “*nem teme quem te adora a própria morte*”, cujo sentido no hino nacional poderia ser que os brasileiros amam tanto o Brasil que seriam capazes de sacrificar suas vidas por ele. Todavia, sacrificar contra invasores, contra situações que pudessem acabar com a democracia, com a justiça. Ao ouvirmos esse trecho do hino nacional, não pensamos em lutar contra nosso governo. Porém, nesse último quadrinho, esta situação é recategorizada por meio dos referentes não verbais, gerando, justamente, esse sentido. Nesse quadrinho encontramos um único sujeito enfrentando diversos policiais com escudos e cassetetes. Policiais estes comandados por seu próprio governo! A postura desse sujeito/referente mostra-o imponente, disposto a lutar. Percebemos isso pela posição de seu corpo, de seus braços, mostrando-o disposto não só a enfrentá-los, mas também de sinalizar que não tem medo, inclusive, diferente do manifestante do segundo quadrinho, não usa nada para proteger o rosto. Outro ponto interessante a se pensar é o fato de ele estar de costas, visto que isso nos dá a ideia de que esse referente representa a todos os brasileiros que adotaram o “*lado justo da luta*”, pois não mostra seu rosto, ou seja, não possui identidade definida. Mesmo sabendo que será um massacre enfrentar tantos policiais, não teme a morte por amor a sua nação.

Admitimos que a partir da união entre os três quadrinhos, podemos ver que os recursos verbais e os não verbais recategorizam os fragmentos selecionados do hino nacional. Recategorização esta que gera não a ideia de defesa da nação juntamente com seu governo, mas uma defesa da nação, uma luta para o bem da nação contra o próprio estado, contra o próprio governo. Essa defesa é efetivada por meio das reivindicações, por meio das lutas

travadas nas ruas. Assim, vemos uma reconstrução desses fragmentos do hino nacional, porque o povo brasileiro continua nacionalista, continua a defender seu estado, todavia contra seu próprio governo. Os brasileiros não fogem à luta contra o seu próprio governo, *nem temem a própria morte!* Morte esta causada e recategorizada, como vemos no último quadrinho, pelos próprios policiais.

Nesse exemplo (2), as cores também contribuem de forma decisiva na construção dos sentidos. Elas legitimam o jogo de nacionalidade, uma vez que, de um lado, o povo brasileiro é construído no primeiro quadrinho pela cor verde; no segundo pelo amarelo e no terceiro pela azul, justamente, as cores da bandeira nacional e, de outro, os demais seres construídos com a cor cinza escura, inclusive os policiais, instrumentos do governo, não possuem cores nacionalistas, são construídos como instrumento de opressão à justiça. Além dessas cores, os três quadrinhos estão colocados em um fundo branco, envolvidos por essa cor, em cima, em baixo e dos lados. Essa proposta do autor nos remete a parte branca da bandeira do Brasil, local em que consta a seguinte inscrição: “ORDEM E PROGRESSO”. Ou seja, os três quadrinhos da tirinha analisada recategorizam a inscrição acima citada, uma vez que as ações propostas na tirinha são a própria “ORDEM E PROGRESSO”.

Diante desses comentários, vemos que há um jogo referencial muito grande. Os referentes não verbais, juntamente com as cores, com os referentes verbais e com as relações ativadas no aparato cognitivo permitiram as ocorrências de recategorização existentes na tirinha. Essas transformações não ocorrem apenas na linearidade das expressões referenciais, mas também em um processo assaz complexo e não linear. Prova disso são as ocorrências do fenômeno, não focalizado teoricamente aqui, da recategorização sem menção referencial (CUSTÓDIO-FILHO, 2012). Apenas para exemplificar, podemos citar a recategorização do referente “governo” como opressor da justiça, o vilão da história. Em momento algum esse referente é recategorizado explicitamente, mas a partir de várias porções cotextuais (verbais e não verbais) em conjunção com toda a bagagem sociocognitiva dos participantes da interação.

Outro ponto necessário a se frisar, também, é que os fragmentos do hino nacional, assim como outras questões, são intertextualizadas e recategorizadas nessa tirinha para gerar um novo sentido, a fim de defender um ponto de vista sobre o cenário nacional à época. Para finalizar nossa análise, podemos afirmar, em conformidade com Frasson (1992, p. 91), que “a escolha do intertexto já representa uma postura ideológica”, ou seja, esses intertextos não foram utilizados aleatoriamente, mas colocados como recursos argumentativos, pois, nesse exemplo, os fragmentos extraídos do hino nacional serviram como forma de legitimar as

ações realizadas nas manifestações pela população. Assim como as cores que tendem a nos fazer acreditar e aderir à ideia de que a ação dos manifestantes foi pelo bem da nação que deve ser legitimada como um ato de proteção à cidadania, à paz, à democracia, à igualdade. Podemos, então, a partir dessas tirinhas analisadas, afirmar que as três temáticas, aqui, estudadas e discutidas constituem fenômenos imprescindíveis na construção e reconstrução dos sentidos dos quadrinhos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Concluir qualquer trabalho não é nada fácil, especialmente, quando esse caminha em teorias diversas e complexas (caso deste artigo). Porém podemos afirmar por meio de nossas discussões e análises que a recategorização não é um fenômeno estanque que ocorre apenas nas relações entre as expressões referenciais, mas que se manifesta também de forma não tradicional e linear (Recategorização sem menção referencial, recategorização por meio de referentes e elementos não verbais [cores, por exemplo]).

Percebemos, também, que o processo da recategorização dos referentes é mais que satisfatório para evidenciar as marcas do ponto de vista do autor, assim, como as armadilhas persuasivas construídas, a fim de conquistar a adesão por meio da emoção, das paixões dos leitores. Além disso, constatamos diversas vezes a presença de outros textos (intertextualidade) como um recurso para direcionar a orientação argumentativa, uma vez que um texto, trazido para outro, assume uma outra configuração em função da intencionalidade do autor. Outra questão a ser levantada em nossas considerações finais é a fertilidade e potencial dos estudos aqui levantados para análise dos diversos gêneros dos quadrinhos, evidenciando, assim, a necessidade de novos estudos mais aprofundados sobre a temática.

Com este texto, esperamos contribuir para o produtivo e instigante campo dos estudos da referenciação, da argumentação, da intertextualidade e dos quadrinhos no seio da Linguística de Texto, pois acreditamos que nossas discussões foram embrionárias, porém intrigantes para estudos futuros.

Referências

BAKHTIN, M. **Os gêneros do discurso**. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

CAGNIN, A. L. **Os quadrinhos**: um estudo abrangente da arte sequencial. São Paulo: Criativo, 2014.

CAPISTRANO JÚNIOR, R. Ler e compreender tirinhas. In: ELIAS, V. M. (Org.). **Ensino de língua portuguesa: oralidade, escrita e leitura**. São Paulo: Contexto, 2011. p. 227-235.

_____. **Referenciação e humor em tiras do Gatão de meia-idade, de Miguel Paiva**. 2012. 139f. Tese (Doutorado em Linguística)-Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2012.

CAVALCANTE, M. M. **Os sentidos do texto**. São Paulo: Contexto, 2012.

_____. **Referenciação**: sobre coisas ditas e não ditas. Fortaleza: Edições UFC, 2011.

_____; CUSTÓDIO FILHO, V. Revisitando o estatuto do texto. **Revista do GELNE**, Piauí, v. 12, n. 2, p. 56-71, 2010.

_____. *et al.* Dimensões textuais nas perspectivas sociocognitiva e interacional. In: BENTES, A. C.; LEITE, M. Q. (Org.). **Linguística de texto e análise da conversação: panorama das pesquisas no Brasil**. São Paulo: Cortez, 2010. p. 225-261.

CITELLI, A. **Linguagem e persuasão**. 8. ed. São Paulo: Ática, 2004.

CUSTÓDIO FILHO, V. Aspectos multimodais envolvidos na construção da referência. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DA ABRALIN, 6., 2009, João Pessoa. **Anais ... João Pessoa: Ideia**, 2009. 1CD-ROM.

_____. Reflexões sobre a recategorização referencial sem menção anafórica. **Linguagem em (Dis)curso**, v.12, n.3, 2012. Disponível em:
<<http://dx.doi.org/10.1590/S1518-76322012000300009>>. Acesso em: maio de 2015.

FERREIRA, L. A. **Leitura e persuasão: princípios de análise retórica**. São Paulo: Contexto, 2010.

FERREIRA, C. S. **Intertextualidade e temporalidade nos quadrinhos: um estudo da charge**. 2010. Tese (Doutorado em Letras)-Instituto de Letras, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2010.

FRANÇA, E. S; MATOS, S. S; CARDOSO, T. G. Leitura: espaço de construção da intertextualidade. In: COLÓQUIO INTERNACIONAL EDUCAÇÃO E CONTEMPORANEIDADE, 6., 2011, Aracaju. **Anais...** Aracaju: Universidade Federal de Sergipe, 2011.

FRASSON, R. M. D. A intertextualidade como recurso de argumentação. **Revista Letras**, Santa Maria, v. 2, n. 4, 1992.

GOLDSTEIN, N. S; LOUZADA, M. S; IVAMOTO, R. **O texto sem mistério: leitura e escrita na universidade**. São Paulo: Ática, 2009.

KOCH, I. V. **Argumentação e linguagem**. 8. ed. São Paulo: Cortez, 2002.

_____. **Introdução à linguística textual: trajetória e grandes temas**. 2. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2009.

_____; BENTES, A. C.; CAVALCANTE, M. M. **Intertextualidade**: diálogos possíveis. São Paulo: Cortez, 2007.

_____; ELIAS, V. M. **Ler e compreender**: os sentidos do texto. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2011.

LIMA, G. O. S. **O rei do cangaço, o governador do sertão, o bandido ousado do sertão, o cangaceiro malvado**: processos referenciais na construção da memória discursiva sobre Lampião, 2007, 304f. Tese (Doutorado)–Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2008.

MAINGUENEAU, D. **Discurso literário**. Trad. Adail Sobral. São Paulo: Contexto, 2006.

MONDADA, L; DUBOIS, D. Construção dos objetos e categorização: uma abordagem dos processos de referenciação. In: CALVACANTE, M. M.; RODRIGUES, B. B; CIULLA, A. (Org.). **Referenciação**. São Paulo: Contexto, 2003. p. 17-52.

NASCIMENTO, G. C. **A intertextualidade em atos de comunicação**. São Paulo: Annablume, 2006.

RAMOS, P. **Tiras cômicas e piadas**: duas leituras, um efeito de humor. 2007. Tese (Doutorado em Letras)–Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.

_____. **Faces do humor**: uma aproximação entre piadas e tiras. Campinas: Zarabatana Books, 2011.

_____. **A leitura dos quadrinhos**. São Paulo: Contexto, 2012.

VERGUEIRO, W. A linguagem dos quadrinhos: uma alfabetização necessária. In: RAMA, A; VERGUEIRO, W. (Org.). **Como usar as histórias em quadrinhos na sala de aula**. 3.ed. São Paulo: Contexto, 2006. p. 31-64.

_____; RAMOS, P. **Muito além dos quadrinhos**: análise e reflexões sobre a 9ª arte. São Paulo: Devir, 2009.

Artigo recebido em: 30/08/2015

Artigo aceito em: 07/10/2015

Artigo publicado em: 01/12/2015